
Gary
Cooper

ÁLBUM DOS ARTISTAS
2.º Volume — Fasc. 20
Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Delegação no PORTO: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa

DEPÓSITO LEGAL MAI 1958



GARY COOPER

O homem que estava sentado à mesa foi contemplando, uma a uma, as folhas do álbum que acabava de lhe ser entregue. Era um indivíduo grosseiro e de rosto pouco simpático. Sustinha os papéis com uma mão e com a outra, depois do seu exame, fechou o álbum. Não fez qualquer comentário nem dirigiu qualquer olhar ao jovem que estava na sua frente, timidamente sentado à beira de uma cadeira de braços, no outro lado da mesa, tendo sobre os joelhos uma pasta de cartão vazia.

Nervoso com o resultado do exame a que estavam sendo submetidos os seus desenhos, o jovem começou a tamborilar distraìdamente sobre a pasta. De repente, apercebeu-se do ruído que estava produzindo no silencioso gabinete e teve um sobressalto. Olhou para o homem gordo como se temesse uma represália, mas viu-o ainda completamente absorto nos papeis.

Inquieto e cansado pela longa espera, o jovem pôs-se a passear o olhar pelo amplo gabinete onde entrara minutos antes. Era um gabinete luxuoso e moderno, cómodo,

o mais espantoso «caso» de longevidade artística

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA



Gary Cooper entrou para o cinema como duplo de cow-boys. Graças ao seu talento, porém, impôs-se ràpidamente como actor versátil. Ei-lo numa das suas primeiras criações que o guindaram à fama: o aventureiro Marco Polo.

e que correspondia inteiramente à posição do director de um jornal importante.

Através de uma ampla janela, que ocupava um dos lados da habitação, viam-se os prédios de Hollywood, brancos e brilhantes, sob o intenso sol daquela manhã, e ainda uma longa e serpenteada estrada que rodeava as instalações de um estúdio cinematográfico.

Chegavam ao gabinete os ruídos da rua situada cinco andares abaixo: eram os ruídos dos motores dos carros, os «claxons» e a voz estridente dos vendedores ambulantes, que deveriam ter estacionado junto do edifício, apregoando os seus artigos.

O ruído dos papéis sobre o vidro da secretária, fez sair o jovem da sua abstracção. Por momentos, tinha chegado a esquecer-se do lugar onde se encontrava. Enfrentou de novo o homem cujo rosto não lhe incutiu tranquilidade.

— Lamento, amigo.

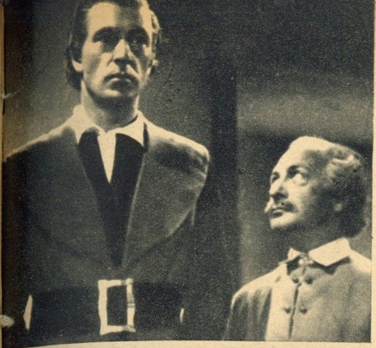
O jovem contemplou-o durante meio segundo com os seus olhos tristes, como se quisesse averiguar, ingènuamente, se o lamentava de facto ou se se tratava de uma simples expressão sem significado.

— Não lhe interessam? — perguntou.

A voz saíra-lhe rouca, depois de prolongado silêncio. Tossiu, procurando não fazer demasiado ruído.

— Não. Não me interessam de nenhum modo.

O jovem ganhou coragem, exclamando:



Em «Aventuras de Marco Polo», Gary Cooper fez a fortuna do produtor Samuel Goldwyn. A acção do filme, situada nos confins do oriente, era a história de um homem que ensinava às mulheres do Oriente o amor ocidental... Repare-se em como o actor ficou magro...

— Posso fazer outras coisas que lhe agradem. Se tivesse a bondade de me indicar...

Teve de se calar ao ver os movimentos de cabeça com que o outro indicava que tudo era inútil.

— Nada conseguiríamos. O senhor não serve para isto. Dedique-se a outra coisa. Há muitas maneiras honradas de ganhar a vida. A arte não é tudo na vida. E é preciso saber renunciar...

Temendo que o discurso se prolongasse e compreendendo que nada lhe restava fazer ali, o jovem pôs-se de pé e começou a guardar os desenhos na pasta.

— Muito obrigado! — disse. — Lamento ter-lhe feito perder tempo.

— Não se preocupe! Recebo tantos como o senhor!



A vigorosa máscara de Gary Cooper deu aos filmes de cow-boys a energia que o público tanto aprecia.



«The Lady and the cow-boy», em que Gary Cooper actuou ao lado de Merle Oberon, então casada com Alexandre Korda, alcançou a posição de um dos mais estrondosos êxitos de 1937.

O jovem iniciou os passos para a porta, mas a voz do homem gordo obrigou-o a deter-se.

— Um momento. O senhor parece-me honrado e trabalhador. Como me disse que se chamava?

— Frank Cooper.

— Muito bem, Cooper. Talvez lhe possa oferecer um emprego no meu jornal.

A expressão do rosto do jovem mudou repentinamente. Era alto e magro, de rosto triste e maçãs proeminentes. Tinha um ar distante de homem das pradarias. O trajo que vestia indicava uma situação económica bastante difícil.

— Que espécie de emprego?

O homem gordo sorriu pela primeira vez. Talvez pretendesse ser simpático e, no fundo, fosse uma pessoa de coração generoso. Mas não o parecia...

— Bem... não é um lugar de gerente, para já — sorriu um pouco e acrescentou: — Mas, pelo menos, não morrerá à fome, que é o que terá de passar se insistir em querer ganhar a vida desenhando.

— De que se trata? — perguntou Cooper.

— Necessito de um rapaz para o armazém. Interessa-lhe?

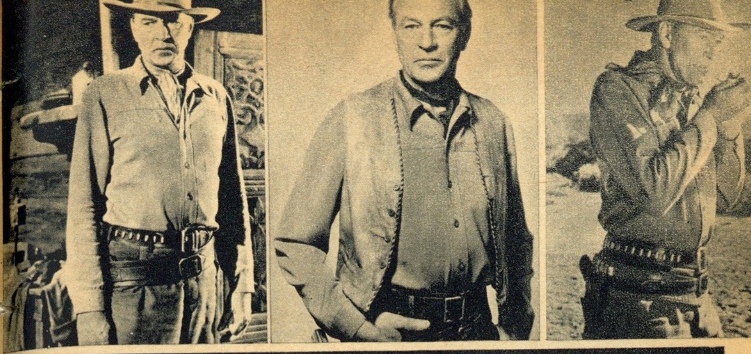
Foi a vez do jovem sorrir, com o seu sorriso triste e, ao mesmo tempo, um tanto irónico.

— Lamento, amigo — disse, repetindo as palavras que tinha escutado antes. — Creio que não sirvo para isto.

E, dando meia volta, saiu do gabinete a passos longos e sem garbo.

Na sala que atravessou a seguir, duas dactilógrafas loiras, que mais pareciam extras de um estúdio cinematográfico do que empregadas de escritório, interromperam o trabalho e olharam-no de um modo capaz de envaidecer qualquer homem.

Mas Frank passou, sobraçando a pasta, sem olhar para as dactilógrafas. Elas aproximaram as loiras cabeças e murmuraram algo que, a julgar pelas suas expressões, deveria ser bastante divertido.



Eis três sugestivas atitudes de Gary Cooper, vestindo a característica indumentária dos vaqueiros do Oeste.

Frank Cooper deteve-se à porta do edifício, antes de descer o último degrau que o separava da rua. Meteu a mão no bolso e tirou três ou quatro moedas. Olhou-as distraìdamente. Fê-las saltar sobre a palma da mão e depois voltou a guardá-las.

— Moço de armazém — pensou, ainda imóvel. — Talvez... talvez...

Se o director daquele jornal fosse o primeiro a rejeitar aqueles desenhos, a coisa não teria importância demasiada. Mas, infelizmente, não era o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro, nem...

— Moço de armazém — voltou a recordar. — Seria uma solução de momento e... Imaginou o rosto do director quando o visse entrar de novo no gabinete, solicitando o lugar que tão orgulhosamente acabara de rejeitar. Que cara faria o homem gordo?

O mais provável seria transbordar de satisfação e exclamar:

— Vejo que você tem senso comum. Felicito-o por compreender que com os seus desenhos não poderia ganhar a vida.

Ao imaginar estas palavras proferidas pelo homem gordo, Frank compreendeu que não poderia voltar a entrar ali. Aquela porta estava definitivamente cerrada para o resto da sua vida.

Desceu os degraus que o separavam da rua e começou a andar pausadamente, sem rumo, sem saber sequer para onde caminhar. Deteve-se ao passar por uma montra em que se exibiam vestidos femininos. Não lhe interessavam vestidos femininos, mas era um pretexto, como qualquer outro, para deixar de pensar, uma maneira de dizer a si mesmo. «Agora não penso, nem tenho preocupações porque estou ocupado a ver isto. Depois procurarei uma solução para os meus problemas».

Era realmente agradável afastar as preocupações.

— Vais fazer alguma oferta a uma senhora, Frank?

Não se moveu imediatamente ao ouvir a voz que acabava de soar junto ao seu ouvido. Durante uma fracção de segundos tentou adivinhar quem poderia ser o autor da



As caçadoras de autógrafos perseguem Gary Cooper por toda a parte e não o poupam mesmo quando sua mulher, Rocky, o acompanha... Um dos momentos de verdadeiro delírio do público que o aprecia, deu-se quando a Academia de Hollywood lhe entregou o Oscar para o melhor actor em 1942, pela sua interpretação em «Sargento York».

saudação. Não tinha amigos em Hollywood. Ainda imóvel, levantou um pouco os olhos e viu reflectida no cristal da montra a figura de um homem quase tão alto como ele, embora mais gordo, vestido como um autêntico cow-boy. Frank Cooper deu meia volta.

— Jess! Que fazes tu em Hollywood?

— O outro deu uma gargalhada.

— Estou aqui há um ano. Tu acabaste de chegar, não?

— Sim, pouco mais ou menos...

— Que coisa te atraíu? O cinema?

Frank mostrou-lhe com um olhar de piedade, a pasta que trazia sob o braço.

O outro observou com pena:

— Ah! Ainda desenhas?

— Ainda.

— Conseguiste alguma coisa?

Frank respondeu negativamente com lentos movimentos de cabeça.

— Não. Creio até que nada posso conseguir.

Jess voltou a rir, ao mesmo tempo que dava uma palmada em Frank, a qual, apesar de amistosa, obrigou-o a cambalear.

— Claro que não, rapaz! Porque não despertas de uma vez e procuras viver de realidades? Olha para mim!

Colocou-se em frente de Frank, com as pernas e os braços abertos, como se estivesse verdadeiramente convencido de que era um exemplar digno de ser admirado.

Frank observou-o dos pés à cabeça, procurando o motivo de tanta satisfação. Como não o encontrasse, perguntou:

— Em que trabalhas?

— Que julgas tu que fazem os habitantes de Hollywood?

— Cinema? — inquiriu Frank, perplexo.

— Naturalmente, cinema!

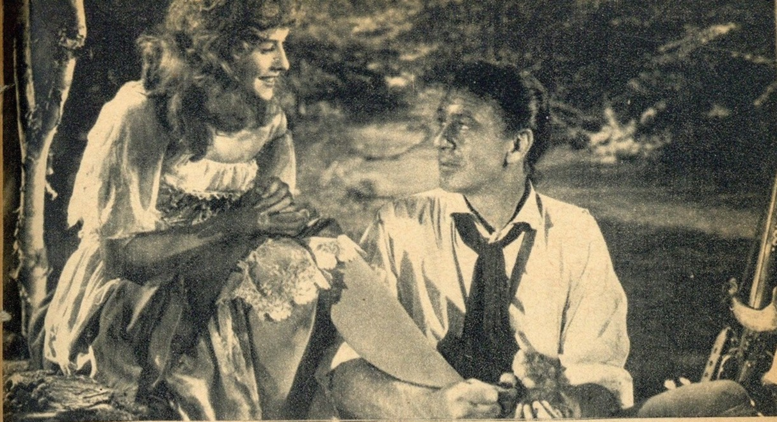
— És artista?

Jess adoptou uma atitude de falsa modéstia.

— Bem... Não diria isso... Na realidade faço o que os grandes artistas não são capazes de fazer.

— Não te compreendo...

— Não? — soltou uma gargalhada. — Não viste ainda aqueles valentes cow-boys dos filmes? Pois metade deles não sabe montar a cavalo! Como julgas que resolvem essa dificuldade? É muito simples: chamam-me aos estúdios e eu monto a cavalo por eles! Dobragem, querido Frank! Dobragem! O cinema está cheio de truques!



Gary Cooper e Paulette Goddard trabalharam juntos em dois filmes de Cecil B. de Mille — «Os sete cavaleiros da vitória» e «Inconquistáveis». Eis duas cenas deste último filme.



Nos segundos que passaram depois, Frank entreteve-se a coçar a barba com o indicador e o polegar, enquanto reflectia sobre o que acabara de ouvir.

— Sabes bem, Jess — disse depois — que eu monto tão bem como os melhores.

— Ninguém põe isso em dúvida.

— Julgas... julgas que poderia fazer esse género de trabalho?

— Porque não? Se quiseres, apresentar-te-ei ao meu chefe e talvez vocês cheguem a um acordo.

— Vamos! Não quero perder mais tempo a pensar nisso.

— Gosto dos homens decididos.

Empreenderam a marcha ao lado um do outro, conversando sobre as velhas recordações de Montaña, onde anos atrás se tinham conhecido.

Quinze minutos depois chegaram aos estúdios da «Fox». Ao cruzar a porta, Frank viu os seus passos interrompidos por um porteiro de uniforme.

— Eh! Quem é você?

Jess, para evitar explicações, interveio:

— É o novo cavaleiro que William me pediu.

O porteiro deixou-os passar.

— Há guardas secretos aqui dentro? — perguntou Frank, surpreendido, quando se afastaram alguns metros do porteiro.

— É preciso evitar que isto se encha de curiosos.

O frustado desenhador julgava ter entrado num mundo de maravilha. Estava atravessando grandes pátios que explicavam perfeitamente a necessidade de afastar os curiosos, que invadiriam tudo se o zeloso porteiro não os impedisse. Por todos os lados, erguiam-se edificações dos mais diversos estilos, a maioria das quais não tinham senão a fachada. Carruagens e automóveis deambulavam de um lado para outro ou permaneciam estacionados ante as casas inabitadas. Grupos de pessoas vestidas à moda de outros tempos, movimentavam-se naquela anacrónica mescla de construções e veículos. Frank Cooper distinguiu até, a certa distância, um enorme veleiro que em nada se distinguiria dos verdadeiros.

— Por aqui — indicou Jess, fazendo entrar o amigo numa porta aberta.

O cow-boy enfiou por um corredor e, a certa altura, bateu com os nós dos dedos numa porta envidraçada e entrou sem esperar resposta.

— Passa, Frank.

Atrás da secretária do gabinete estava sentado um homem que parecia ter os seus cinquenta anos. Ao perceber a presença dos visitantes, levantou o olhar dos papéis que examinava.

— Bons dias, Williams! — cumprimentou Jess. — Quero apresentar-te um bom companheiro: Frank Cooper.

Os dois homens estreitaram as mãos.

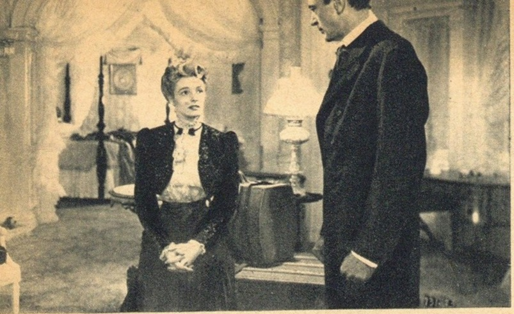
— Suponho que vens pedir-me um emprego para o teu amigo — deduziu William que parecia ser indivíduo de trato agradável.

Durante a rodagem de «Fumos de Ambição», Gary Cooper e Patricia Neal conheceram-se e... enfim, passou-se algo entre ambos. A gravura regista um momento em que ambos estudavam os seus papéis. A certa altura do diálogo do filme, Patricia Neal exclamava: — Esquece-me, se puderes! (o cinema e a realidade, muitas vezes, caminham a par e passo).



Em «Fumos de Ambição» era amado por duas mulheres: uma, Patricia Neal, que tomou o seu papel muito a sério; a outra, Lauren Bacall, nessa altura já casada com Humphrey Bogart. Observe-se a magnífica expressão de Gary Cooper, indiferente ao olhar ansioso de Lauren Bacall.





À ESQUERDA: Eis outra cena de «Fumos de Ambição», em que Gary Cooper contracena com a mulher que perturbou a sua vida sentimental.

EM BAIXO: Patricia Neal soube resignar-se perante os compromissos matrimoniais de Gary Cooper. Embora o amasse muito nunca quis impor-lhe uma decisão desesperada.

— Não venho pedir-te nada, mas apenas fazer-te o favor de te proporcionar o melhor cavaleiro que existe em Hollywood.

— Deveras? Estás sempre disposto a ajudar-me, não é, Jess?

— Faço o que posso... — redarguiu o cow-boy, a sorrir. — Empregas o meu amigo?

William passou a mão pelo rosto com expressão hesitante.

— Está bem... Creio que escolheste o momento oportuno... Mas é claro que ele terá de demonstrar primeiro que sabe montar.

Jess sorriu:

— Asseguro-te que é o melhor cavaleiro de Hollywood.

William olhou-o perplexo.

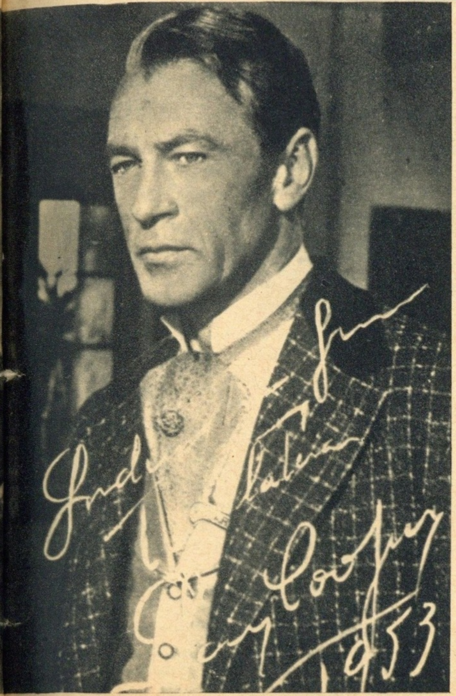
— Surpreendes-me, Jess! Onde foste buscar tanta humildade? Depois do que acabo de ouvir da tua boca, vou ter a maçada de submeter o teu amigo a um teste. E dirigindo-se a Cooper, acrescentou: — Cada dia de trabalho, dez dólares. Interessa-lhe?

— Sim, sim. Interessa-me — volveu ràpidamente o desenhador, que não tinha tido ocasião de pronunciar uma palavra desde que entrara no gabinete.



Os filmes de «cow-boys» nunca dispensaram Gary Cooper por muito tempo. Vêmo-lo à direita em «Missão Secreta», com Phillis Taxter e, em baixo, na figura de jogador de «A paz voltou à cidade».





— Naturalmente, não terá trabalho nos sete dias da semana. Será avisado cada vez que precisarmos de si.

— De acordo.

William estendeu-lhe novamente a mão.

— Então até breve. E que o cinema lhe seja agradável!

E foi...

★

Ao cabo de alguns anos, Cooper, que trocara o nome de Frank pelo de Gary, tinha-se convertido num dos mais famosos actores do mundo inteiro.

O malogrado desenhador dera lugar ao triunfante actor, mas a despeito da glória e da fortuna alcançadas, Gary Cooper não perdera o seu ar de homem simples, bom e amável com toda a gente.

Os que haviam trabalhado a seu lado, consideravam-no um companheiro agradabílissimo, que não disputava a ninguém qualquer papel e que estava sempre disposto a dar uma oportunidade aos novos.



Pela segunda vez, a Academia de Artes e Ciências de Hollywood concedeu a Gary Cooper em 1952, o Óscar para o melhor actor do ano, pela sua interpretação em «O combóio apitou 3 vezes». Neste filme, Gary Cooper contracenou com Grace Kelly, então no início da sua carreira cinematográfica, e com a mexicana Katy Durado.

Apesar de ser um actor famoso, Gary não protestava nunca quando os produtores resolviam aproveitar o seu nome para introduzir uma estrela desconhecida. Era absolutamente diferente da maioria dos actores famosos que aproveitavam todas as ocasiões para se exibirem perante o público com a importância de rainhas de beleza.

A despeito de não ser um homem dominado pelo afã do lucro, todos sabiam que possuía uma vocação nítida para todos os negócios.

Como todos os homens, Gary sentia-se feliz por ver que o seu trabalho lhe rendia o máximo possível. Quando terminou o seu primeiro contr_to com a **Paramount**, obteve destes estúdios uma proposta de renovação do contrato mediante um ordenado de trezentos dólares semanais — o dobro do que até então ganhava.

O segredo deste êxito esteve na forma como Gary Cooper soube conduzir o interesse da **Paramount** em mantê-lo sob contrato. Sabendo que o seu trabalho valia muito mais, Gary permitiu-se ter o luxo de rejeitar a proposta, como se não lhe interessasse. Durante um mês, esteve em casa a descansar.

Quando regressou, esperava-o um contrato de 1.750 dólares semanais.

★

Frank Cooper nasceu em Helena, no estado de Montaña, no ano de 1901.

Seu pai, um advogado britânico, era naquele tempo juiz adjunto do Supremo Tribunal de Justiça de Montaña. Helena, capital do montanhoso estado norte-americano — o mais rico em agricultura e na exploração de minas de ouro, prata e pedras preciosas — era uma pequena cidade cuja população não chegava à ordem dos vinte mil habitantes.

Aos nove anos de idade, Frank foi enviado para um colégio de Inglaterra, em Bedfordshir, onde permaneceu quatro anos. Era então um rapaz alto e delgado de aspecto algo melancólico. Tinha a virtude de saber inventar e contar surpreendentes histórias do selvagem e feroz Oeste Americano. No pátio do colégio, conseguia reunir à sua volta um grupo de condiscípulos que escutavam extasiados as emocionantes aventuras dos imaginários personagens criados por Frank.

— Então, o «Rosto Pálido» tirou ràpidamente a sua pistola — contava Frank com tanto realismo como se tivesse presenciado a cena. — Joe disse então que não podia lutar com ele estando desarmado, mas era preciso fazer qualquer coisa antes que fosse demasiado tarde para salvar Mary...

Apesar das suas histórias de lutas e combates, Frank Cooper não era um jovem brigão, muito pelo contrário.

Pelas suas maneiras, mais parecia um inglês do que um americano. Tinha um carácter reservado e era muito cioso da sua intimidade. Respeitava a vida privada dos outros, da mesma maneira que queria que respeitassem a sua.

Não era um homem fácil, mas muito simpático e sociável. Se alguém lhe dissesse que seria artista de cinema, acharia a ideia uma solene estupidez.

Frank tinha treze anos quando regressou a Montaña, onde ingressou no colégio de Bozeman. Ali nasceu a sua vocação pelo desenho e pela caricatura.

Num acidente de automóvel que sofreu na companhia de seu pai, Frank teve a desgraça de fracturar uma perna. Esteve retido no leito durante um largo período. Quando pôde caminhar de novo, partiu para uma granja que seus tios possuíam, a fim de se restabelecer completamente.

«O combóio apitou três vezes», embora situado na tradicional atmosfera do Oeste Americano, transcendia a vulgaridade, abordando o tema vigoroso de um homem em luta contra a cobardia colectiva de uma cidade.



Frank começou a passear, coxeando ainda, pelos prados da granja. Um dia, ocorreu-lhe perguntar ao tio:

— Não acha que poderia aproveitar a minha estadia aqui para montar a cavalo?

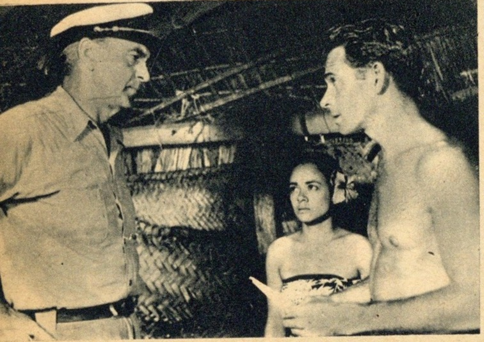
— Sim... Se não tens medo de partir algum osso, não me parece má ideia...

O jovem não teve medo e em pouco tempo se transformou num hábil cavaleiro. Afinal, andar a cavalo era mais fácil e, sobretudo, mais cómodo do que andar a pé.

A vida na granja era agradável e divertida. Contudo, teve de abandoná-la para regressar ao colégio. Depois de completar o curso ingressou no «Wesleyan College» passando a seguir para o «Grinnell College», em Iowa, onde permaneceu três anos e meio.

Ao terminar os estudos, voltou a Helena com o objectivo de ganhar a vida como caricaturista. Conseguiu que um jornal diário aceitasse e publicasse os seus desenhos, mas, segundo afirmou





EM CIMA: Na paradisíaca ilha de Samoa, participou, sempre que pôde nas festas típicas dos mares do Sul, sem ocultar o prazer que lhe produzia a companhia de raparigas nativas.

À ESQUERDA: Em «Samoa», Gary Cooper desempenhou um papel dramático na figura tìpicamente americana de um aventureiro que se revela um homem de provada integridade moral.

mais tarde, nunca arranjou maneira de cobrar algum...

Entretanto, o pai de Frank abandonava a carreira de juiz, partindo para o Sul da Califórnia, onde administraria os negócios de alguns parentes.

Frank decidiu então instalar-se em Hollywood e experimentar a sua sorte como desenhador.

Talvez seja melhor sucedido do que em Helena — pensou.

Mas não sucedeu assim, na carreira que desejava...

A sua situação era já extremamente difícil quando, graças à intervenção do seu velho amigo Jess, conseguiu o modesto emprego de «duplo» de cow-boys.

A despeito dos seus reiterados fracassos, Cooper não esquecia a sua inclinação para o desenho, aguardando sempre a oportunidade que não surgia. O seu ordenado era bastante exíguo. Ganhava dez dólares por cada dia de trabalho, o que não era mau, mas sòmente trabalhava dois dias numa semana.

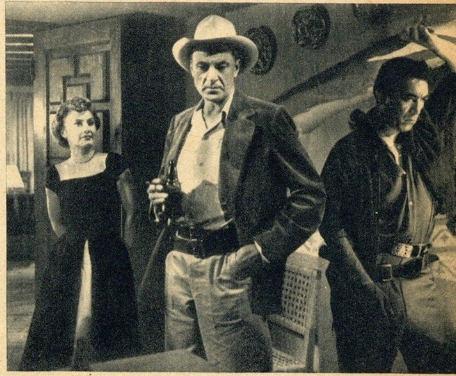
Frankie ficou muito excitado quando soube que Tom Mix, um dos mais populares cow-boys do cinema, então no apogeu da sua carreira, ganhava 70.000 dólares por mês.

— Realmente — pensou — vale a pena tomar o cinema a sério.

Compreendeu que não podia permanecer passivamente à espera de

AO LADO: Eis três imagens de «Vento Selvagem» — outro dos filmes que Gary Cooper rodou no estrangeiro, para fugir aos elevados impostos que pesavam sobre os seus rendimentos na América. Neste filme, segundo uma tradição, Gary Cooper era disputado por duas mulheres — Barbara Stanwyck e Ruth — e odiado por um homem — Anthony Quinn.







FICHA BIOGRÁFICA

Verdadeiro nome: Frank J. Cooper

Naturalidade: Helena, Montaña

Data de Nascimento: 7 de Maio de 1901

Casado com Sandra Shaw

(pseudónimo de Veronica Blafe)

Pai de Maria Cooper

Olhos: azuis

Altura: 1,89 metros

EMBORA constitua um dos mais espantosos casos de longevidade artística, Gary Cooper nunca passuiu qualquer tendência para o exibicionismo, fugindo sempre a fatuidade em que frequentemente caem os astros de cinema.

O seu palmarés como actor de vanguarda dispensa elogios mais exuberantemente do que os adjectivos com propósitos publicitários.

Gark Cooper já experimentou todos os géneros, desde a farsa ao drama, passando pelos mais diversos papeis que abarcam o galã tímido ao cidadão respeitável e pai de família.

GARY COOPER:

2 «Óscares» da Academia
80 filmes mudos e sonoros,
56 anos de idade,
29 anos de cinema

Apesar da sua proveta idade, Gary Cooper continua a desempenhar papéis de herói — o que, diga-se de passagem, não lhe oferece quaisquer dificuldades. Basta dizer que em nenhum dos seus 80 filmes, Gary Cooper usou duplos nas cenas violentas.

O cinema, quando Gary Cooper o abandonar — e cremos que só o abandonará com a morte — não encontrará na sua história um actor que de longe se lhe aproxime. Este facto, mais do que qualquer outro, confirma tudo quanto poderíamos escrever em louvor do inimitável artista.





uma oportunidade para mudar de situação, sob pena de passar o resto da vida como «duplo» de cow-boys. Precisava de procurar fortuna, em vez de esperar que a fortuna o procurasse.

Após verdadeiros esforços para juntar algumas economias, entrou em contacto com um agente de publicidade. Era o único caminho que podia conduzi-lo com certa rapidez a uma situação mais feliz.

No escritório do agente de publicidade trabalhava uma jovem chamada Nan Collins, que não tardou a converter-se numa sincera amiga de Frank. Saíam juntos algumas vezes e falavam dos seus projectos para o futuro.

— Estou certa do teu triunfo, — dizia ela. — Terás êxito precisamente porque a tua personalidade é completamente diferente de todos os outros galãs, que parecem talhados pelo mesmo padrão. O público gostará da tua simplicidade.

— Oxalá tenhas razão, Nan. Às vezes receio que não possa corresponder à tua confiança. É difícil lutar contra a corrente.

— Não é difícil. Precisas apenas de força de vontade, porque não te falta valor...

— E tu confias em mim!

— Plenamente!

— Obrigado, Nan. A tua confiança dá-me coragem.

— Agora mudemos de assunto e falemos de coisas profissionais. Não te esqueças de que trabalho para o teu agente de publicidade.

— Não me esqueço — sorriu ele. — De que queres falar?

— Do teu nome. Não me agrada o de Frank. De resto, deves saber que no cinema já existem dois Frank Cooper. O teu nome é pouco original.

— Sim, é verdade... Mas que sugeres?

— Mudá-lo...

Ele coçou a barba durante breves segundos.

— Não me lembro de nenhum...

— Lembro-me eu. Tenho pensando nos últimos dias nisso. Que te parece Gary? Gary Cooper! Soa bem...

— Bem... Se tu gostas, seja Gary Cooper!

A despesa com o agente de publicidade não foi inútil, permitindo a Frank, depois de um teste cinematográfico, assinar um contracto com Samuel Goldwyn para um importante papel no filme «The Wining of Barbara Worth», que o deu a conhecer ao mundo inteiro.

A partir de então, a carreira cinematográfica de Gary Cooper empreendeu um caminho brilhante e sempre ascendente. A muralha que separa o anonimato da fama estava vencida. Agora era sòmente questão de ir subindo pela suave e dourada escada do êxito.

★

Durante muitos anos, Gary Cooper despertou nas mulheres um instinto maternal. Parecia tão inocente, tímido e insociável



Em «O Jardim do Diabo», o seu primeiro filme em cinemascope, com Susan Hayward, Gary Cooper voltou a ser o homem calmo e destemido, enfrantando as situações de perigo com valentia sem par e amando com violência.



3 imagens de um romance



No Festival de Cannes de 1954, Gary Cooper travou conhecimento com a vedeta francesa Giselle Pascal. As três imagens registadas nesta página, colhidas em três datas diferentes — 10 de Maio, 19 de Maio e 5 de Junho — assinalam os bailes e recepções em que ambos os artistas apareceram juntos, ocupando as mesmas mesas e dançando até o amanhecer. A figura de Gary Cooper surge-nos bastante remoçada, e as suas expressões sorridentes têm algo que se não vislumbra normalmente em outras fotografias. O romance, se romance houve, terminou. Porém, cada um pode formular as hipóteses que os acontecimentos suscitam...





À ESQUERDA: Eis o sensacional documento fotográfico que assinala a recepção que o Papa Pio XII concedeu a Gary Cooper, na companhia da esposa e da filha. A partir deste momento, o actor nunca mais deixou de ser o marido modelo de que se esquecera durante os seus romances com Patricia Neal e Giselle Pascal.

EM BAIXO: Durante a «Kermesse des Étoiles», celebrada nos Campos Elíseos, Gary Cooper apertou a mão, cordialmente, a Fernandel, felicitando-o pelos seus êxitos e considerando-o um mestre do cinema cómico

— apesar de ser completamente diferente na realidade — que provocava, antes de mais nada o desejo de protegê-lo.

Muitas estrelas célebres de Hollywood tentaram conquistá-lo, nomeadamente Clara Bow, Lupe Velez e a condessa Di Frasso — nomes hoje quase esquecidos, mas rutilantes num passado não muito distante.

Gary deixava-se admirar. Não era esquivo enquanto não via o perigo demasiado perto. Mas desaparecia timidamente quando se falava de casamentos. Não tinha nada contra as mulheres, mas nenhuma se lhe afigurava suficientemente interessante para convertê-la em sua esposa.







Nestas curiosas imagens de «Vera Cruz», o fotógrafo surpreendeu Burt Lancaster e Gary Cooper, cada um por sua vez em duas expressões caricatas, que poderiam suscitar dúvidas quanto às possibilidades do seu jogo fisionómico. Ora repare-se na boca de Burt, cheia de comida, e no beicinho de Gary Cooper, que mais parece o de uma criança prestes a chorar... Eis o que acontece quando um actor se descuida com os fotógrafos.

— O casamento é uma coisa muito séria, — dizia ele. — Na minha opinião deve durar toda a vida.

— Está bem... — replicavam os companheiros menos circunspectos. — Mas não é caso para assustar alguém. A maioria dos homens casa-se e nada lhe acontece.

— Mas eu não me quero casar como a maioria. Quero casar-me bem. E não me parece fácil encontrar uma mulher junto de quem me possa sentir feliz durante longos anos.

A popularidade de Gary Cooper aumentava incessantemente, superando tudo o que se poderia imaginar.

Certa vez, a imprensa anunciou que o novo ídolo do cinema assistiria à estreia do seu filme «Design for living» em que contracenava com Mirian Hopkins. Muito antes da hora marcada para a exibição, uma multidão, composta só por mulheres, aglomerou-se junto à porta do cinema, manifestando toda a sua ansiedade por conhecer pessoalmente o famoso astro de cinema.

Gary Cooper apeou-se do automóvel e começou a atravessar a ampla avenida que o separava da entrada do cinema, por entre as alas formadas pelas mulheres que se comprimiam umas contra as outras.

De repente, e sem que ninguém pudesse descortinar o princípio do movimento, a multidão transbordou para o escasso espaço livre por onde caminhava o actor. Gary Cooper sentiu-se preso por aquela enlouquecida avalanche de admiradores excessivamente efusivas. Tornou-se necessária a intervenção de um magote de polícias.

Quando Gary pôde levantar-se, tinha o fato enrugado, a gravata aberta e os botões arrancados...

★

Corria o ano de 1932 quando Gary Cooper compareceu a uma festa em casa de Cedric Gibbons, um dos directores da Metro. Reinava ali o luxo e a alegria — qualidades que nunca faltam neste género de reuniões de gente de cinema. Mas a casa estava demasiado cheia de convidados e Cooper sentia-se um pouco cansado e enfastiado com o ambiente.

Com uma taça de champanhe na mão, relanceou um olhar em seu redor, com a esperança de encontrar alguém a quem pudesse dirigir-se. Mas em vão. Todos os convidados pareciam imensamente divertidos. Com um gesto de resignação, Cooper,

sua beleza e ofereceram-lhe imediatamente um contrato para o cinema. Assim começou a sua carreira artística. O êxito acompanhou-a e permitiu-lhe ingressar no teatro de Montecarlo, onde se distinguiu em obras clássicas e modernas, chamando a si dezenas de admiradores. Entre estes figurava o então príncipe Rainier do Mónaco. Conheceram-se e apaixonaram-se. Segundo os arcaicos canones da nobreza, Rainier não podia desposar a jovem actriz, em face de Giselle não possuir o chamado sangue azul.

Apesar de tudo, porém, príncipe e «estrela» ficaram noivos.

Ninguém duvidava de que o casamento se realizaria, mas... chegou Gary Cooper e não houve outro remédio senão começar a duvidar.

Gary conheceu Giselle em Cannes, em cujos meios femininos o actor americano suscitou uma verdadeira revolução. O dono do hotel onde se alojou, tinha recebido, antes da sua chegada, mais de cem cartas com ardentes declarações de amor. Para evitar complicações, houve necessidade de pôr vários detectives particulares nas várias dependências do hotel, a fim de vigiar as mulheres que queriam penetrar nos aposentos do actor.

Gary e Giselle saíram juntos muitas noites. Percorreram todos os lugares românticos da Cote d'Azur. Passeram pelas estradas que serpenteiam ao longo da costa, comeram em restaurantes típicos, fizeram breves cruzeiros marítimos; dançaram, jogaram e divertiram-se. Quando se falou de um romance entre ambos, não opuseram qualquer desmentido.

O idílio de Gary e Giselle pôs ponto final na aventura romântica de Rainier e a ex-vendedeira de flores. Se o príncipe se tivesse casado com Giselle, o seu filho não teria direito ao trono. E, sem um herdeiro,

A carreira de Gary Cooper encontra-se ainda muito longe do fim. As melhores e as mais belas artistas de Hollywood disputam-no para os seus filmes. Ei-lo na companhia de Sheree North, uma das grandes revelações de 1957, com quem vai aparecer brevemente num filme da «Fox».



que sucedesse a Rainier, o Mónaco seria anexado à França e submetido às suas leis e impostos.

Segundo Giselle Pascal afirmou mais tarde, o malogro do seu romance com Rainier obedeceu puramente a razões de Estado.

— Gary é um excelente companheiro — disse. — Mas a nossa amizade não tem qualquer ligação com o fim das minhas relações com o príncipe.

Uma serena interpretação dos factos não abonava muito a favor desta afirmação de Giselle Pascal.

Mas, fosse como fosse, Gary Cooper não tardou a dar por terminado o seu breve idílio — chamemos-lhe assim — com a bela francesa que interpretou, ao lado de António Vilar, «Sans Amour».

Gary encontrou-se então com sua esposa e filha e levou-as a assistir ao festival cinematográfico de Berlim, onde não tardou a ser alvo de entusiásticas aclamações. Visitaram em seguida vários países da Europa, e seguiram depois para Roma, sendo recebidos em audiência por Sua Santidade Pio XII.

Desde ento, Gary e Rocky não voltaram a separar-se. Ela demonstrou ser uma mulher sábia e prudente. Conhece o profundo carinho que o marido lhe dedica e o amor que nutre pela filha. Por outro lado, se surgirem, inesperadamente, outros obstáculos que possam pôr em perigo a sua felicidade, Rocky sabe como enfrentá-los.

Por seu lado, Gary parece ter vencido a crise que durante largo período esteve quase a arruinar o seu feliz e duradoiro casamento.

A sua sensatez acabou por triunfar, como não podia deixar de ser.

Na tela, com os seus 57 anos, Gary, continua a ser o simpático cow-boy que, num salto ágil monta a cavalo, para se lançar em perseguição dos bandidos ou para correr ao rancho onde o espera a sua amada.

FIM

INTERVALO PARA SORRIR ◆ INTERVALO PARA SORRIR

INTERVALO PARA SORRIR ◆ INTERVALO PARA SORRIR ◆

Uma jornalista indiscreta efectuou um inquérito em Hollywood à base da seguinte pergunta.

— Quando um artista de cinema chega aos 30 anos, deve ocultar a sua idade?

Gary Cooper respondeu:

— Ocultar a minha verdadeira idade? Por quem me toma a senhora? Os meus 57 anos não são segredo para ninguém. Quando o público começar a cansar-se de mim, retirar-me-ei. Entretanto, para que me hei-de preocupar?

★

Conta Gary Cooper que uma tarde ia conduzindo o seu automóvel por uma rua em que o tráfego era intensíssimo. Viu-se obrigado a passar pelo lado de uma senhora que procurava estacionar o seu carro num espaço insuficiente.

Gary diminuíu a marcha até se convencer da falta de perícia da condutora. Mas tal preocupação de nada lhe valeu: o automóvel recuou inesperadamente, produzindo um choque com o do actor.

A senhora, enrouquecida e furiosa, assomou a cabeça à janela.

— O senhor estava a desconfiar que eu ia fazer alguma asneira. Porque não esperou para ver o que era?

INTERVALO PARA SORRIR ◆ INTERVALO PARA SORRIR



«Sublime Tentação», o filme de William Wyler que foca um tema inspirado na vida dos «Quarkers», Gary Cooper tem outra extraordinária interpretação, em que patenteia todos os seus inegualáveis recursos. Como não podia deixar de ser, neste filme também teve o ensejo de mostrar os seus dotes de lutador destemido.

recuou alguns passos para se encostar à parede, porquanto não encontrava uma cadeira livre em todo o salão. De repente, porém, chocou contra alguém. Voltou ràpidamente a cabeça para pedir desculpa.

— Oh! Perdão!

A jovem que tinha ante os seus olhos, era Rocky, a sobrinha de Cedric Gibbons — mais conhecida no cinema pelo pseudónimo de Sandra Shaw.

— No foi nada — gracejou a jovem — julguei que podia passar entre as suas costas e a parede. Afinal enganei-me.

— Lamento muito — insistiu Gary, ainda sem saber se devia prolongar a conversação ou deixar a jovem continuar o seu caminho.

— Derramou o seu champanhe sobre o fato — disse ela, apontando as manchas espalhadas pelo «smoking».

Em consequência do choque, a taça que Gary tinha na mão derramara quase todo o seu conteúdo sobre o fato.





— Não se preocupe — replicou ele. — O champanhe não deixa nódoas.

— Dizem isso, mas creio que será melhor secar as manchas. Venha comigo.

E arrastando-o pela mão, fê-lo atravessar o salão por entre os grupos alegres e os pares apertados que bailavam ao compasso de uma orquestra cubana. Entraram num corredor e, logo a seguir, num pequeno escritório que não tinha sido invadido pelos convidados. Rocky abriu um armário e tirou um pequeno pano limpo. Voltou-se depois para Gary e começou a esfregar suavemente o «smoking» manchado. Segundos depois, ergueu o rosto e fitou Gary com um sorriso.

— Veja... Já está — disse.

De súbito, ambos se sentiram unidos por uma estranha corrente. Gary, que até então tinha dispensado pouca atenção à jovem, teve a impressão de que a via pela primeira vez.

Durante tempo indeterminado, talvez minutos, ficaram de olhos nos olhos, sem sorrir. Não era uma questão de tempo, mas de intensidade emocional. De repente, deram conta de que se estavam beijando. Separaram-se lentamente e voltaram a contemplar-se nos olhos.

— Porque fizeste isto? — perguntou ela, sem saber na realidade qual dos dois tinha sido culpado por aquele beijo.

— Não sei... — volveu Gary pensativamente. — Magoei-te?

Uma opinião de Cecil B. Mille

«Ainda que Gary Cooper, no cinema dê a impressão de ser lento nos seus raciocínios, devo declarar que é dos homens mais inteligentes que conheço. Muita gente pensa que ele é, na realidade, tão tímido como em frente das câmaras. Puro engano. Já o dirigi e posso assegurar que não o é. Aliás, uma das suas grandes qualidades consiste em convencer a grande maioria dos espectadores de que a sua verdadeira personalidade é a que tem mostrado como actor».



Em «Conselho de Guerra», um dos seus úúltimos filmes Gary Cooper encarnou a figura de Billy Mitchell, o homem que foi o pai da aviação americana e que sofreu os piores vexames, até que a aviação militar se tornasse uma realidade.

Chegavam ali os acordes musicais da orquestra e a vozearia dos convidados, mas ambos pareciam envoltos por um estranho silêncio, como se estivessem fechados numa caixa de cristal.

— Não... — disse Rocky. — Não me magoaste.

Mergulharam de novo num silêncio quase religioso. Sentiam-se incapazes de se mover, tão ligados estavam um ao outro. Agora sabiam que tudo tinha mudado desde a sua entrada naquele escritório. Embora não pudessem dizer qual a origem da transformação, não lhes restavam dúvidas de que era algo muito íntimo, muito forte, irrefreável...

Gary colocou ambas as mãos sobre os ombros da jovem, que tremia um pouco. Com voz meiga, perguntou:

— Rocky, queres casar comigo?

Ela não hesitou. Sabia que não podia duvidar. Estava vivendo o fenómeno que sòmente se produz quando se encontram duas pessoas que nascem uma para a outra e que querem começar uma nova vida.

— Sim, Gary. Quero.

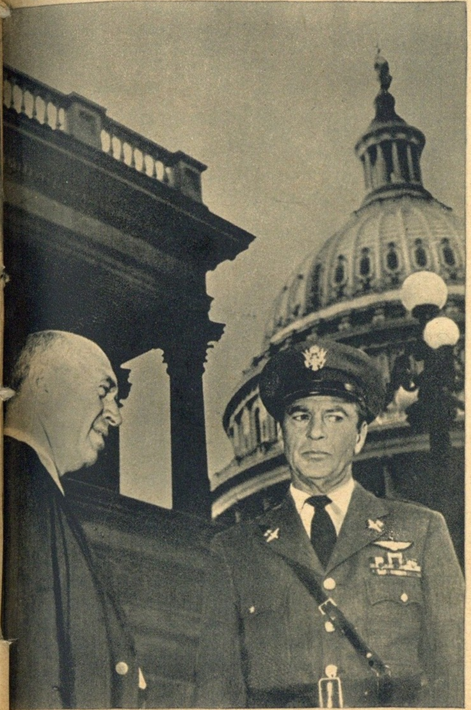
★

Em pouco tempo, Gary e Rocky ganharam a fama de ser o casal mais feliz de Hollywood. A sua vida era um contínuo

À DIREITA: Uma cena de «Conselho de Guerra», em que a máscara do actor intervem.

EM BAIXO: O famoso realizador Otto Preminzer dá instruções a Gary Cooper sobre uma cena que se filmará a seguir.





idílio, uma prolongada lua de mel: divertiam-se juntos, a todas as horas e a todos os instantes:

— Rocky, vou ensinar-te a disparar uma arma.

Entre descrente e receosa, ela respondeu:

— As armas de fogo não são para brincadeiras.

— És um bebé — volveu ele, fingindo-se zangado — . A minha mulher não pode ser tão piegas. Toma! Apoia bem a culatra ao ombro.

— Ai, Santo Deus! Como é pesada!

— Cala-te! Para que queres as forças? Aperta o gatilho. Eh! Não precisas mover o braço todo.

Disparada a arma, Rocky queixava-se do coice produzido pela explosão.

— Oh! Oh! Fiquei com o ombro dorido!

Gary abraçava-a, rindo.

— Não tenhas medo. Estás viva. Chegarás a ser uma campeã.

★

E foi.

Em 1938, um ano depois do nascimento da sua filha Maria,



Maria, a filha de Gary Cooper, que conta actualmente 20 anos, é uma rapariga atraente. Ei-la ao lado de Katy Jurado, num «night-club» de Hollywood.

Rocky ganhou o campeonato feminino de tiro na Califórnia.

— Julgas que nada te posso ensinar, Gary? Pois vais aprender comigo a andar de ski!

— Bah! Até as crianças sabem fazer isso.

— Mas tu não és uma criança. Procura não partir uma perna.

— Não me faças rir... Vê agora... — mas logo baixava a voz. — É difícil meter isto no sapato.

— Claro, claro — comentava Rocky com ironia. — Ao fim e ao cabo, é a primeira vez que... Cuidado! No te deixes deslizar muito depressa pela vertente! Não és mais do que um aprendiz.

— Olha, Rocky! Olha como me sustenho!

— Cuidado, cuidado! Oh! Gary... Magoaste-te?

— A perna... a perna... Creio que parti a perna... Não posso movê-la. Devias avisar-me, Rocky. Porque não me disseste que isto era perigoso?

— Se não estivesses sentado sobre o ski talvez pudesses mover as pernas. Queres experimentar.

— Oh! A perna move-se... Olha como se move!... E não me doi... Não foi nada, tontinha. Porque te assustaste?

Maria, a filha de Gary e Rocyk, completava a felicidade do casal. Gary sentia-se muito orgulhoso dela. Quando um jornalista lhe pediu que lhe falasse da criança, respondeu:

— Não me é fácil ser objectivo ao referir-me a minha filha, mas creio que é uma das meninas mais inteligentes e boas que jamais conheci. Agrada-me sair com ela e, em muitos aspectos, é já uma mulherzinha. Estou certo de que será uma mulher tão admirável como sua mãe.

A vida sorria aos três. Dir-se-ia que nada poderia destruir tão sublime felicidade...

Contudo...

★

Ao cabo de dezassete anos de perfeita vida conjugal aconteceu algo que veio perturbar a vida de Gary e Rocky.

O actor tinha atingido a idade crítica em que o homem sente afastar-se da juventude. Por outras palavras, estava no período que os psiquiatras definem como «a idade perigosa». E o inevitável aconteceu...

Gary Cooper, que durante dezassete anos fora um marido modelo, começou a interessar-se vivamente por Patricia Neal, a jovem actriz que chegara a Hollywood depois de ter triunfado no teatro. A Warner reuniu-os num filme intitulado em português «Fumos de Ambição».

Correram rumores de que Gary a classificara como uma mulher física e espiritualmente à sua medida. Alta, de personalidade forte e inteligência viva, embora de poucas palavras, causava admiração mais pela sugestão de um olhar, do que pelas qualidades verbais. Possuía a vigorosa serenidde e o encanto das mulheres do sul dos Estados Unidos, como Gary possuía a tranquilidade e a sedução dos homens das pradarias.

O interesse mútuo transformou-se em idílio. A pouco e pouco, o romance ganhou raízes profundas, até colocar o actor perante um conflito inevitável: ou afastar-se de Patricia ou divorciar-se de Rocky.

Contra a atracção que a nova «estrela» exercia sobre ele, lutavam a solidez dos seus dezassete anos de vida conjugal com Rocky e o seu grande amor paternal por Maria, assim como o seu espírito conservador e um peculiar sentido de justiça que o impedia de cometer um acto susceptível de provocar a infelicidade de alguém.

— Não posso, Patricia. Não posso abandoná-las. Seria um canalha.

— Não tens a culpa. Estas coisas são inevitáveis. Acontecem...

— Por nada deste mundo queria perder-te, Pat. Mas horroriza-me pensar no divórcio. Quando Rocky e eu nos casámos, sabíamos que era para toda a vida. Pensei sempre que o casamento deverá ser indestrutível.

— Às vezes, torna-se necessário mudar de ideias. É humano.

— Ou desumano, Pat, quando a mudança magoa alguém.

Um dos últimos filmes de Gary Cooper intitula-se «Ariane» e tem Audrey Hepburn como principal figura feminina. Gary Cooper desempenha o papel de um D. Juan irresistível, que acaba por cair nas malhas da sedução da graciosa Audrey. Realizou o filme Billy Wilder, que derigiu «Sabrina».





Gary Cooper e sua esposa, Rocky, nunca faltam às reuniões elegantes de Hollywood. Ei-los numa festa, ouvindo Richard Egan contar possìvelmente uma anedota...

Um silêncio intenso, carregado de dúvidas, de ideias contraditórias, estabeleceu-se entre ambos.

— Amo-te, Gary. Mas não quero forçar-te a nada que brigue com a tua maneira de ser. Deves decidir sòzinha. Eu saberei resignar-me...

Gary Cooper debatia-se desesperadamente entre incertezas. Tinha acontecido algo inesperado, algo que nunca admitira que pudesse acontecer. Que caminho deveria seguir? O de Rocky, a esposa que amara durante tantos anos? Ou o de Patricia, o novo amor que conquistara o seu coração como uma chama viva?

Sentia-se incapaz de tomar uma resolução, incapaz de fazer um esforço que representasse a separação de Rocky ou de Patricia. Parecia-lhe que para continuar vivendo precisava de ter as duas a seu lado, amar e sentir-se amado por ambas. Mas semelhante ideia era absurda, e sòmente podia ter germinado no seu cérebro numa hora de febre e delírio.

Gary Cooper estava encerrado dentro de um círculo de muros intransponíveis. Chegou a convencer-se de que nunca seria capaz de decidir por si mesmo o caminho a seguir...

Entretanto, Rocky, cansada daquela situação, ferida na sua dignidade de esposa e mãe, abandonava Hollywood e o lar de seu marido, levando consigo a sua filha Maria.

Como um sino tocando a rebate, o coração de Gary Cooper despertou para a realidade. Ao ver-se sòzinho, ao faltar-lhe a presença de Rocky e Maria, sentiu a necessidade de correr atrás delas. Compreendeu que sòmente a seu lado encontraria de novo a paz e a felicidade.

Receoso da maneira como a esposa reagiria, Gary chamou-a pelo telefone e disse-lhe prudentemente que iria ver a filha no fim de semana. Rocky não lhe guardava rancor; estava disposta a esquecer.

A reconciliação permitiu a Gary trilhar novamente a estrada de compreensão e amor que durante tantos anos oferecera a sua esposa.

Não obstante, o perigoso abismo à beira do qual Gary estivera ao apaixonar-se por Patricia Neal, era ainda um perigo que ameaçava o seu futuro.

Poucos meses depois, o casal voltou a separar-se, quando Gary Cooper decidiu beneficiar da disposição legal que isenta do pagamento de impostos sobre rendimentos os norte-americanos que trabalhem fora dos Estados Unidos durante dezoito meses consecutivos.

De acordo com este plano, Gary assinou um contrato para vários filmes cujas rodagens se efectuariam no estrangeiro.

«Samoa», o primeiro destes filmes, teve lugar na paradisíaca ilha do mesmo nome. Durante a sua permanência na ilha, Gary participou amiúde nas festas típicas dos Mares do Sul, sem ocultar o prazer que lhe produzia a companhia das raparigas nativas.

Terminado «Samoa», Gary partiu para o México, a fim de encarnar o protagonista de «Vento Selvagem». Falou-se muito durante a sua estadia ali, de um romance entre o famoso actor e uma rapariga argentina de passagem pelo país. Mas enquanto estes rumores circularam na imprensa, já Gary atravessava o Atlântico rumo à Europa.

★

Giselle Pascal era uma formosíssima vendedora de flores no mercado de Cannes. Um dia, os produtores Achard e Allegret, ao passar por ali, ficaram seduzidos pela

Eis Gary Cooper, num momento em que acompanhava a esposa e a filha. Aqui o famoso actor tem o ar sério de verdadeiro chefe de família, cônscio dos seus deveres e responsabilidade. Os tempos da indecisão e da incerteza já passaram e certamente que não voltarão mais a perturbar a tranquilidade e a felicidade de um lar que oferece a Hollywood um consolador exemplo de equilíbrio moral.



As melhores vedetas nas melhores biografias

LEIA no próximo número do Album dos Artistas



RITA HAYWORTH

a actriz que já casou 5 vezes, numa luta constante à procura do amor!

N. 20

PREÇO 2$00



FOTOGRAVURA NACIONAL